

Conferência abordou as complicitades em “Mar, Património, Educação”

Ângelo Teixeira Marques

“Mar, Património, Educação”. Este foi o mote para a conferência que, ao final da tarde de sábado, lotou o Diana-Bar e que se inseriu no vigésimo aniversário da “Fé em Deus”, a Lancha Poveira do Alto.

Coube ao vereador com o pelouro da Cultura na Câmara da Póvoa abrir a conferência e Luís Diamantino recorreu, precisamente, à “vida” da lancha poveira para suscitar as opiniões das especialistas convidadas.

“O que irá ser da lancha depende de todos. Da comunidade, mas sobretudo das escolas. E ainda bem que as nossas escolas não estão divorciadas do património, bem pelo contrário”, venceu o auctor que confessa ficar satisfeito cada vez que são conhecidos trabalhos escolares relacionados com a riqueza patrimonial e histórica da comunidade.

Na conferência foram lembrados dois exemplos. A professora Irene Gomes fez-se acompanhar de alunas do 12.º D da Escola Secundária Rocha Peixoto – a estudante Carina Dias não pôde estar presente – para mostrar um projecto desenvolvido no ano lectivo anterior. As alunas auto-intitularam-se “as catraias” e, envergando trajes indicados por Maria do Desterro – a “Ti Desterra” – contaram que, ao longo de um ano, desenvolveram actividades que lhes permitiram “ter uma visão mais alargada da cultura poveira, saber valorizar o passado associando-o ao presente, aprender sensações e emoções e contactar com outras pessoas e entidades”. Nessa “viagem à história, à tradição, à memória”, as alunas depararam-se com a importância poveira e decidiram, com o apoio da Biblioteca, elaborar um folheto

que pudesse valorizar essa “herança cultural”. Houve várias tentativas até ser alcançada a melhor ligação “formato-imagem-texto” cujo resultado foi oferecido aos presentes na sessão do passado sábado.

Um outro projecto que, na Póvoa, juntou os pilares da conferência – “Mar, Património, Educação” – foi desenvolvido no Agrupamento Escolar de Aver-o-Mar e culminou no lançamento de um livro intitulado “Brincando com as Palavras” que foi editado pela Câmara Municipal e distribuído a todos os frequentadores dos jardins-de-infância do concelho.

Laura Maria Dias de Barros, na sessão do passado sábado, assumiu-se como porta-voz “duma equipa alargada” de profissionais do pré-escolar que idealizaram um projecto que permitisse “reforçar a interacção escola-família e diminuir os problemas detectados [através de inquéritos] ao nível do domínio da linguagem”.

“Cada jardim-de-infância escolheu a área que iria trabalhar” e, no final, foram colocados no livro alguns dos resultados: O jardim-de infância de Aldeia (Aguçadoura) estudou as lendas e desenvolveu uma história; o de Navais debruçou-se sobre os provérbios populares; o de Barros (Estela) estimulou os pais a trabalharem poesias tradicionais, ditas e cantadas, relacionadas com a freguesia; o de Teso (Estela) fez a compilação de lengalengas e o de Agro Velho (Aver-o-Mar) contribuiu com advinhas e uma entrevista a uma idosa com muitos saberes. Todas as ilustrações foram feitas pelas crianças e o certo, realçou Laura Barros, é que os profissionais sentiram a aproximação dos pais ao agrupamento escolar, até no dia da apresentação do livro, enchendo a sala destinada para o efeito.



Laura Barros, Luís Diamantino, Sara Maia, Irene Gomes (na mesa) e alunas do 12.º D

Por sua vez, Fátima Claudino, membro da Comissão Nacional da UNESCO, deu a conhecer um projecto desenvolvido numa Escola Secundária de Olhão e que terá funcionado em sentido contrário: o trabalho, coordenado pelo professor Alberto Mascarenhas, dos alunos Beatriz, João Paulo e Ruben, “conseguiu despertar na comunidade algarvia o interesse pelo conhecimento da arquitectura naval que estava pouco documentada”, disse.

O objectivo foi desenvolver três modelos de barcos ligados à pesca tendo o trio e o professor contado com o apoio de vários organismos entre os quais a UNESCO que desde o ano de 1953 tem uma rede de escolas

associadas com mais de nove mil estabelecimentos espalhados por todo o mundo (59 em Portugal).

Este espevitar da memória colectiva é “fundamental”, disse outra das convidadas – a investigadora Sara Vidal Maia. “É importante criar uma consciência cívica, saber amar o património que [os alunos] têm e depois aproveitá-lo, mostrá-lo, divulgá-lo e, quem sabe, até brincar um pouco com ele. Faz com que eles ganhem memória que vai ser transmitida no futuro”.

A investigadora deixou alguns exemplos de actividades que podem ser realizadas, nos vários graus de ensino: “criações de ateliers, organização de exposições, visitas de estudo, dramatizações”

e, ainda, “animações históricas”.

Numa perspectiva mais global, Sara Vidal Maia, preconiza que a valorização do património identitário das comunidades marítimas não deve menosprezar o “trabalho das pessoas” – por exemplo, é do trabalho dos pescadores que saem utensílios e costumes que vão ser aproveitados pelos vários museus; ‘os momentos de lazer’; as ‘memórias de infância’ – não se deve deixar que sejam esquecidos e que não sejam transmitidas às gerações mais novas, sobretudo às crianças – nem os ‘espaços físico (como o Diana-Bar por exemplo), social (as conversas sobre as actividades que praticam) e mitológico (sempre muito ligado à parte religiosa)”.

cadernos poéticos tivemos no Manuel Lopes uma pessoa que incentivou, apoiou, estimulou e, acima de tudo, nos responsabilizou para a palavra, no seu conceito mais superior, que é o poético”. No espectáculo, intitulado “Apalavrar o mar”, foram ditos, entre outros, poemas de David Mourão Ferreira, António Nobre, Joaquim Castro Caldas, Al Berto, Herberto Helder, João Rios, Pablo Neruda e Aurelino Costa. O deste último – ilustre poeta poveiro – foi escrito no dia da morte de Manuel Lopes e, com a devida vénia, aqui republicamos na caixa ao lado.



Manuel Lopes num vídeo projectado

“Perturba-me a ideia de faleceres”
– disse-lhe um dia. Respondeu-me:
é como queiras, a morte é igual à vida
silenciosamente ‘a gente’ há-de amar
noutra quietude, noutro espaço...
não te importes, a chuva cairá
e tu escreverás versos até morreres,
também.

Da janela do meu quarto avisto tudo
como se quisesse abraçar num novelinho
os dias brancos de todos os meus anos
espanta-me o segredo da morte, sabes?,
e levedar lânguido de vénias terrestres
não é bem para o meu jeito
custa-me a andar, é o mistério do voo

que anda, agora, a apaixonar-me.

Livre como aquela gaivota que sobrevoa
o mastro.

O que eu quero, de facto, é o azul e o mar,
lá me encontrareis sempre, depois de enviar
as cartas aos amigos que as merecem.
Quanto ao mais, continuei a lutar,
a guerra...

porque é de cinza a leveza de meu corpo
e não quero restos a pesar a ninguém,
só quero o vento e o mar...

– “peito em quilha!, ó Homem de leme!”,
respondei-lhe eu, para não chorar...

Aurelino Costa (14/8/1996)